

## **Da universalização do silêncio, ao trânsito discursivo: questões para a pesquisa em psicanálise**

### **Introdução**

Pretende-se com o presente trabalho uma discussão acerca da importância de sustentar, quando no trânsito da produção de pesquisas acadêmicas, um lugar que produza efeito de questão sobre as respostas fáceis e demasiado rápidas oriundas de discursos universalizantes que visam um reconhecimento perante as leis, tendo como norte uma existência livre de sofrimento e mal-estar.

De antemão, deixamos claro que não pretendemos com a presente pesquisa questionar a importância de propostas de lei que visam o cuidado e a garantia de direitos, mas sim suscitar nos pesquisadores questões sobre seu papel na observância e sustentação do caráter errático de todo e qualquer movimento produzido pelo homem, inclusive aqueles que nos falam da tentativa de se produzir discursos que garantam direitos para populações radicalmente marcadas pela segregação, como o louco, por exemplo. Com isso, propomos uma prática de pesquisa que seja atravessada pela ética da psicanálise, não tropeçando em pedregulhos universalizantes que são postos a fim de tamponar o hiato oriundo de todo e qualquer saber produzido pelo homem.

Nesta linha, Sauret (2003) nos fornece três pontos fundamentais para pensar tanto aquilo que diz respeito à epistemologia psicanalítica, como a epistemologia para as pesquisas realizadas pelas ciências pós-modernas. A saber, o rompimento com uma epistemologia aristotélica, referenciada pura e exclusivamente na “coisa existente”; o fato do sujeito e suas produções sempre estarem atravessadas por um furo, um buraco impossível de ser apreendido e um terceiro ponto, proximal com o anterior, que é a dimensão real, os limites na produção de qualquer saber pelo homem, mesmo o cientista.

Sustentamos então, em consonância com Aguiar (2006) que a psicanálise enquanto método de pesquisa; meio de intervenção e interação com outras ciências, por ser *tributária da experiência analítica*, donde comporta e sustenta em si a *descontinuidade* só poderia ter como ponto de apoio e desenvolvimento os passos valiosos descritos por Freud (1915) nos primeiros parágrafos do texto *As pulsões e seus destinos*.

**Retornemos, então, a Freud.**

---

Freud (1915), apresenta uma valiosa discussão acerca da exigência de que uma ciência deveria ser constituída sobre conceitos verificáveis, precisos e claros. Entretanto, caberia num primeiro momento, a descrição dos fenômenos, conservando e sustentando pontos de indeterminação inerentes a qualquer campo de pesquisa. Freud considera a possibilidade de uma definição clara, mas não para aí. Ele segue apontando que tais definições não toleram, por serem científicas, e não o contrário, quaisquer pontos de rigidez teórica.

No que diz respeito ao processo de elaboração de pesquisas e atividades que tenham como foco a transmissão da psicanálise em caráter científico, Freud, em seu artigo dedicado aos médicos que praticam a psicanálise, já alertava sobre os perigos de “redigir notas ou estenografar” posto que, ao nos debruçarmos em determinados conteúdos de maneira demasiado ativa, “ocupamos uma parte de nossa atividade mental, que teria melhor emprego se aplicada na interpretação do material”. (Freud, 1912, p. 151)

No parágrafo seguinte, argumenta que uma das justificativas – válidas, cabe dizer – para as notas tomadas durante as sessões seria o fato de o psicanalista ter a intenção de publicar determinado caso, a fim de fazer avançar o conhecimento e prestígio científico da psicanálise. Entretanto, Freud faz ponderações acerca daquilo que chama de “pseudoexatidão”, oriunda de protocolos demasiados descritivos que “não conseguem substituir para ele (leitor) a presença na análise”. (Freud, 1912, p. 152)

Por fim, aponta para o fato de que a garantia de uma leitura atenta, que valide a pesquisa analítica, depende menos do seguimento de processos que se pretendam exatos, com protocolos assertivos e validações que tencionem dizer do universal, do que de uma leitura que tenha como proposta “levar a sério a análise e o analista”. Por fim, Freud é taxativo ao dizer que “Este não parece ser o caminho para remediar a falta de evidência que se enxerga nos relatos psicanalíticos”. (Freud, 1912, p. 153)

Já em 1917, ao redigir seu artigo *Uma dificuldade da psicanálise*, Freud elenca três feridas narcísicas que, ao fim, irá articular com as resistências à psicanálise: a primeira delas é de ordem *cosmológica*, vem da descoberta de Copérnico de que a Terra não é o centro do universo, o que, de acordo com Freud, condiz com a tendência do homem de “sentir-se dono deste mundo”; a segunda de ordem *biológica*, proveniente das pesquisas de Charles Darwin e seus colaboradores, que descobriram que o homem não é um ser de origem divina, tampouco diferente e melhor que os animais, sendo “ele próprio de origem animal, mais aparentado a algumas espécies, mais distante de outras”; por fim,

a terceira ferida, esta produzida a partir da pesquisa freudiana, aponta que o homem, humilhado em relação ao seu lugar central no universo, tenta, em vão, ser soberano em sua própria psique. (Freud, 1917, pp. 245-46)

O retorno a este artigo de Freud se justifica por sustentarmos que no momento em que o pesquisador que toma a psicanálise como método clínico e de pesquisa ocupa o lugar de – usando a metáfora freudiana – “rei absoluto, que se contenta com os dados fornecidos por seus principais cortesãos e não desce até o povo para escutar a voz dele.”, acaba por abandonar a possibilidade de escuta do sujeito do inconsciente, caindo na vã tentativa de universalização que, segundo Lacan (1967), nos conduz única e exclusivamente a um processo de segregação sem precedentes.

### **Agora com Lacan: o desejo e o universal**

Em seu *Discurso aos católicos*, Lacan põe em questão a psicologia moderna no momento em que esta, ao produzir suas sínteses e integrações; evoluindo rumo ao “universo da consciência”; chegando, por fim, em uma “noção de conduta, aplicada de forma unitária”, deixaria escapar que não há qualquer parâmetro, seja no que diz respeito ao cuidado de si, como a um cuidado em larga escala que possa ser tomado como via única para o intento da felicidade plena. (Lacan, 1960, p. 16-17)

Lacan escreve

Sim, sei que segundo a fórmula de Hegel tudo o que é real é racional. Mas sou daqueles que pensam que a recíproca não deve ser depreciada – que tudo o que é racional é real. (...) aquilo que os professores ensinam é real e, como tal, tem efeitos como qualquer real, efeitos intermináveis, indetermináveis, ainda que esse ensino seja falso. Eis sobre o que me interrogo.” (Lacan, 1960, p. 16)

É neste ponto que Lacan toca a questão em que resvalamos com alguma frequência, para não dizer o tempo inteiro, quando no trânsito de nossa pesquisa. Lacan afirma de maneira categórica que é o desejo quem “responde à intenção verdadeira” do discurso inconsciente, discurso este que trazemos à baila sempre que tomamos a psicanálise como ponto de partida de qualquer pesquisa. Lacan prossegue questionando qual poderia ser a intenção de um “discurso em que o sujeito, na medida em que fala, é excluído da consciência”, e de antemão aponta para o cerne da questão de qualquer pesquisa que almeje a conquista de uma “intenção reta”, livre de percalços e transformações ao longo do processo.

---

Sobre isso, Soler retoma o lugar de prestígio da ciência à época das luzes que, no intento de levar ao domínio humano, tanto a fé na racionalidade, quanto o desenvolvimento de um saber acerca do real, voltava todas suas esperanças ao progresso da ciência. Segundo a autora, o produto de tal projeto fora a “fórmula do universal que acabou por se chamar de ‘direitos do homem’, que são os direitos do indivíduo.” (Soler, 2001, p. 10)

Sustentada a partir desta fórmula do universal, vemos a assunção de discursos que tem, em si, um problema inerente, a saber, o de em um dado momento histórico entrar em conflito com aquilo que se espera do homem. Sejam atos proibidos, como atos até mesmo incentivados pela moral vigente. “É que o gozo nem sempre obedece ao regime do universal”, escreve Soler. (2001, p. 10)

Voltamos à querela da retidão, intenção, ou, se preferirmos, a boa vontade consciente trabalhada por Lacan em seu Seminário 7 – *A ética da psicanálise*.

Um parêntese aberto por Soler cabe aqui também: não se trata de um combate à luta pelos direitos humanos, já que nós enquanto cidadãos, analistas, pesquisadores temos a possibilidade e, em alguma medida, o dever de nos posicionarmos sobretudo ali onde os direitos fracassam. Mas temos também que nos manter atentos a “um outro tipo de fracasso que somente aparece ali onde esses direitos vencem, e se vê *por causa* de suas consequências.” (Soler, 2001, p. 11 – grifo nosso)

Aqui vale uma citação mais longa de Lacan (1960, p. 17-18)

“Há nisso formas amenizadas de sugestão, se podemos dizer, que não são sem efeito e que podem encontrar interessantes aplicações no campo do conformismo, até mesmo da exploração social. Infelizmente, vejo esse registro sem influência sobre uma impotência que só faz crescer à medida que temos mais oportunidade de operar os ditos efeitos. Impotência cada vez maior do homem de se reunir ao seu próprio desejo (...) Ainda que esta permaneça disponível, esse homem não sabe mais achar objeto para seu desejo, não encontrando senão infelicidade em sua busca, a qual ele vive numa angústia que restringe cada vez mais o que podemos chamar de sua chance inventiva”

Nossas pesquisas, aquelas orientadas a partir da ética da psicanálise, não visam, em última instância, garantir ao sujeito de direitos um espaço de criação e invenção frente ao real do gozo? Que espaço temos deixado às manifestações do inconsciente que fizeram Freud abrir mão de sua neurótica em setembro de 1897? Será que não corremos o risco

de, em nome de “um lugar” dentro da academia, ou um reconhecimento de um caráter humanístico, abriremos mão do lugar que Freud, Lacan e outros tantos psicanalistas sustentaram ao desejo e sua dimensão errática?

Precisamos, como afirma Soler “acrescentar novas formas de se tratar as diferenças pela segregação através da avaliação supostamente científica.”, não podemos estar alheios a tais manifestações, tampouco franquear nossas ações em um mero ranqueamento das formas em que o mal-estar têm se manifestado, como também nos debruçar sobre o discurso do inconsciente, incluindo aquilo que há de menos previsível, a saber: o desejo e suas manifestações.

### **Por um discurso produzido na academia que se sustente em trânsito**

Nossa proposta ao produzir a reflexão aqui apresentada, segue em alinhamento com as preocupações de Elia (2009), quando este nos convoca, enquanto psicanalistas que dedicam parte do tempo de trabalho à pesquisa acadêmica, a fim de nos situarmos em relação ao campo científico, seja para criticá-lo, como para fazer uso deste com fins de desenvolvimento, sustento e divulgação da psicanálise e suas articulações possíveis.

Tanto Rabinovich (2000) quanto Elia (2009) atentam ao risco sempre que tomamos a ética da psicanálise com um viés defensivo, como se tudo pudesse ser justificado fazendo alusão à sua dimensão errática, evitando assim, um posicionamento em relação à ciência, como também uma justificativa para endossar uma “nova *way of life*, ainda que esta não seja *american*.” (Rabinovich, 2000, p. 12)

Para tanto, à guisa de concluir o presente trabalho, abrindo para derivações, questionamentos e novas reflexões, propomos que o pesquisador que sustente um trabalho de pesquisa a partir da psicanálise tome como ponto de partida e chegada a potência produzida pela circulação nos discursos, e não o lugar de domínio, de maestria, garante de um saber inquestionável.

Retomar a dimensão fantasmática, assumindo a impossibilidade de se dar conta do real, seja desde a psicanálise, como a partir de qualquer outra ciência, sem, no entanto, deixar de fora do trabalho de pesquisa a importância de fazermos frente ao gozo, não o explicando ou elaborando cartilhas sobre como deve agir um profissional, mas sim assumindo uma posição que pretenda relançar questões, abrir diálogos e propor pontos de vista que não enrijecem ou silenciem o campo de pesquisa, mas sim o preparem para novos passos, caminhos, vozes e apostas.

---

---

### Referências Bibliográficas

- Aguiar, F. (2006). Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 105-131
- Elia, L. (2011). Por uma psicanálise desavergonhada diante da ciência, In *Psicanálise, Universidade e Sociedade* (Org. Caldas, H.; e Altoé, S.)
- Freud, S. (1912) Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (Trad. Paulo César de Souza). *Obras Completas Vol. 10*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1915) As pulsões e seus destinos (Trad. Pedro Heliodoro), In P. H. Tavares & G. Iannini (Orgs.). *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Freud, S. (1917) Uma dificuldade da psicanálise (Trad. Paulo César de Souza). *Obras Completas. Vol. 14*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Lacan, J.(1960) O triunfo da religião, precedido de, Discurso aos católicos (Trad. André Telles). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- Lacan, J. (1967) Alocução sobre as psicoses da criança. (Trad. Vera Ribeiro), In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Rabinovich, D. (2000) O Desejo do psicanalista: liberdade e determinação. (Trad. Paloma Vidal). Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- Sauret, M. (2003) A Pesquisa Clínica em Psicanálise. *Psicologia USP*, 14(3), 89-104. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642003000300009>
- Soler, C. (2011) O que faz laço? (Trad. Elisabeth Saporiti). São Paulo: Escuta, 2016.
-